Laura Bellini



Nossa Temporada *Particular*

Nem Toda Conexão Verdadeira Precisa de Plateia

Nossa Temporada Particular

Nem Toda Conexão Verdadeira Precisa de Plateia

Laura Bellini

ROMANS

ISBN: 9788384901885

ALL-IN Rafał Płonkowski



ÍNDICE

INTRO 4
Capítulo 1 - Os Limites da Luz 12
Capítulo 2 - Um Acordo Sem Testemunhas 24
Capítulo 3 - Nos Bastidores do Silêncio 38
Capítulo 4 - Fora do Roteiro 49
Capítulo 5 - O Direito de Dizer Não 62
Capítulo 6 - Onde o Papel Termina 74
Capítulo 7 - O Que as Fotografias Não Mostram 84
Capítulo 8 - Lugares Onde as Câmeras Não Chegam 95
Capítulo 9 - O Preço de Um Olhar 107
Capítulo 10 - Sem Representar Papel Algum 120
Capítulo 11 - Nossas Próprias Regras 133
Capítulo 12 - A História Que Escreveram Por Nós 145
Capítulo 13 - Os Limites do Compromisso 156
Capítulo 14 - A Verdade Entre as Palavras 167
Capítulo 15 - Tudo Com Que Você Concordou 177
Capítulo 16 - Quando o Silêncio Se Torna uma Escolha 189
Capítulo 17 - O Que Resta Depois do Silêncio 199
Capítulo 18 - Uma Decisão Sem Volta 208
Capítulo 19 - A Verdade Tem Seu Preço 219
Capítulo 20 - Nossa Temporada Particular 231

INTRO

No primeiro dia de ensaios, decidi que, durante as oito semanas seguintes, não permitiria que homem nenhum complicasse minha vida. Era uma decisão sensata, madura e extraordinariamente fácil de cumprir, até Dorian Kłos entrar no camarim com meu vestido pendurado no braço.

— Suspeito que isto seja seu — disse ele, parando à porta.

Levantei os olhos da máquina de costura. Ele usava uma calça escura, uma camiseta branca e uma camisa de linho desabotoada. Parecia menos impressionante do que nos cartazes que, havia uma semana, estavam espalhados pelo calçadão à beira-mar. Em compensação, era muito mais real. A ruga entre as sobrancelhas, o maxilar por fazer e a maneira como segurava aquele tecido delicado não combinavam em nada com a imagem de estrela cuidadosamente construída para o público.

— Depende de onde o senhor o pegou.

— No corredor. Estava em cima de um baú identificado como adereços.

— Nesse caso, alguém acabou de tirar alguns anos da minha vida.

Larguei a tesoura e me aproximei dele. O vestido de crepe de seda que eu estava preparando para a atriz principal custava mais do que o aluguel mensal do apartamento onde eu morava. Felizmente, o tecido estava intacto.

Dorian não o devolveu imediatamente.

— Quer que eu o coloque em algum lugar seguro?

— De preferência, nas minhas mãos.

Ele esboçou um sorriso e me entregou o cabide.

— Gabriela Bąk?

— Isso mesmo.

— Dorian Kłos.

— Percebi.

— Espero que não tenha sido por causa do vestido.

— Não. Seu rosto está estampado em seis outdoors entre a estação e o teatro.

Ele riu, e me arrependi de ter prestado atenção à sua voz. Era mais grave do que nas entrevistas, um pouco rouca, sem aquela autoconfiança ensaiada que eu conhecia das telas. Não tinha tempo para descobrir se ele também soava daquele jeito quando dizia algo verdadeiramente pessoal.

Eu havia chegado a Sopot com um plano muito específico. Precisava criar os figurinos de uma produção intimista chamada O Último Verão, acompanhar tudo até a estreia, receber meu pagamento e voltar a Varsóvia com um portfólio que me permitisse abrir meu próprio ateliê. Havia dois anos que economizava para isso. Já tinha encontrado um imóvel em Mokotów, e o proprietário concordara em esperar até setembro para assinarmos o contrato.

Não havia espaço para um romance naquele plano. Muito menos com um homem cujo sobrenome representava metade do orçamento de divulgação do espetáculo.

— Ouvi dizer que a senhora se recusou a substituir os figurinos pelos que o patrocinador ofereceu — comentou Dorian.

— Porque não crio anúncios publicitários disfarçados de teatro.

— Uma posição corajosa, considerando quem paga as contas.

— Eles pagam pelo meu trabalho, não pelo meu silêncio.

Ele me observou por alguns instantes. Não daquele jeito que os homens costumavam fazer nas festas do meio artístico, tentando decidir se valia a pena convidar uma mulher para tomar alguma coisa. Parecia mais interessado em descobrir se eu estava falando sério.

— Ótimo — respondeu, por fim. — Nesse caso, talvez esse espetáculo ainda tenha alguma chance.

Antes que eu pudesse perguntar o que ele queria dizer, uma voz feminina veio do corredor.

— Dorian! Estão procurando você para as fotos!

Ele virou a cabeça. Foi então que percebi como a descontração desapareceu rapidamente de seu rosto.

— Já estou indo, Magda.

— Não sozinho. Lena chegou mais cedo. Querem fotografar vocês dois juntos, na frente do cartaz.

Um silêncio breve e constrangedor pairou no ar.

Dorian voltou a olhar para mim.

— Até a prova de figurino, senhora Gabriela.

— Desde que o senhor não saia levando outro figurino por aí.

Ele saiu sorrindo, mas seus ombros continuavam tensos.

Não fiquei pensando muito naquela mudança. No teatro, as pessoas tinham seus problemas, segredos e acordos, e eu havia aprendido a não me meter nas ambições alheias.

Voltei à máquina, corrigi uma costura e tentei me concentrar no trabalho.

Não consegui.

Vinte minutos depois, Magda, a responsável pela divulgação, entrou no camarim com o celular encostado ao ouvido e um tablet debaixo do braço.

— Gabrysia, precisamos do Dorian com aquele terno azul-marinho. Às quatro da tarde. Fotos promocionais.

— O terno azul-marinho é um figurino de cena. E ainda não está pronto.

— São só algumas fotos.

— Ontem, essas "algumas fotos" terminaram com café derramado no punho da camisa.

Magda cobriu o microfone do celular com a mão.

— Precisamos vender esse espetáculo. As pessoas vão vir por causa do Dorian e da Lena, não porque alguém costurou um forro lindamente.

Por um momento, fiquei olhando para ela sem dizer nada. Não porque tivesse me ofendido. Era mais porque ela acabara de dizer em voz alta algo que eu ouvia nas entrelinhas havia muito tempo.

— É justamente por isso que esse forro precisa aguentar oito semanas de apresentações — respondi. — O terno estará pronto para o ensaio de amanhã de manhã.

Magda suspirou e saiu, retomando a conversa ao telefone.

Apoiei as mãos na bancada. Pela janela aberta entravam o cheiro do mar e o aroma da madeira aquecida pelo sol. Em algum lugar no andar de baixo, os técnicos movimentavam

elementos do cenário, enquanto as gaivotas gritavam tão alto que pareciam exigir suas próprias falas no espetáculo.

Eu trabalhava com teatro havia onze anos. Sabia que não era a pessoa mais importante daquele prédio. E não precisava ser. Só queria que meu trabalho continuasse tendo valor mesmo depois que os flashes se apagassem.

O celular vibrou ao lado da máquina.

A mensagem da minha amiga Marta trazia uma fotografia de um pequeno imóvel com uma janela enorme.

O proprietário quer uma resposta antes do fim de agosto. Gabryś, esse lugar foi feito para você.

Ampliei a imagem. Imaginei minha própria mesa de corte, as prateleiras cheias de tecidos e uma placa com meu sobrenome na porta. Durante anos, eu havia costurado os sonhos de outras pessoas, permitindo que brilhassem sob as luzes dos refletores. Finalmente, queria construir algo que fosse inteiramente meu.

Respondi que não havia mudado de ideia.

Naquele exato momento, alguém bateu à porta aberta.

Dorian estava na entrada, dessa vez sem o vestido, mas com o celular na mão.

— Posso entrar?

— Desde que não esteja trazendo mais um pedido do departamento de divulgação.

— Estou trazendo um pedido de um ator que precisa conseguir respirar no palco amanhã.

Ele apontou para o paletó pendurado ao lado.

— Experimentei hoje de manhã. Está um pouco apertado.

— É possível. O figurino foi feito com base nas medidas enviadas há três semanas.

— Está insinuando que engordei?

— Estou insinuando que respirar exige espaço.

Dessa vez, ele riu com mais naturalidade.

— Então posso contar com sua ajuda.

Fui até a arara, tirei o paletó do cabide e o entreguei a ele. Dorian o vestiu, e me posicionei atrás dele para verificar como o tecido assentava. Nossos olhares se encontraram no espelho.

— Levante os braços, por favor.

Ele obedeceu.

— E agora?

— Agora pode abaixá-los. Não estou planejando criar asas para o senhor.

— Uma pena. Talvez fossem úteis.

Meus dedos pararam sobre a costura abaixo de sua escápula. Eu não tocava sua pele, mas, de repente, fiquei dolorosamente consciente da pequena distância entre nós. Ele cheirava a roupa recém-lavada e a alguma fragrância amadeirada, discreta, sem aquela doçura excessiva dos perfumes que tentam chamar atenção.

Afastei as mãos.

— Basta soltar dois centímetros de tecido. Amanhã ficará mais confortável.

Ele se virou para mim.

— Obrigado, Gabriela.

Pela primeira vez, pronunciou meu nome sem acrescentar o sobrenome. Soou natural, como se nos conhecêssemos havia mais do que algumas dezenas de minutos. Não gostei de perceber como aquele pequeno detalhe conseguira desviar minha atenção do trabalho.

Vozes chegaram do corredor. Alguém mencionou Lena, uma entrevista conjunta e uma surpresa romântica preparada para a imprensa.

Dorian lançou um olhar na direção da porta.

— Este camarim é sempre tão tranquilo assim?

— Só quando ninguém sabe que estou aqui.

— Entendo por que faz questão de mantê-lo desse jeito.

Ele tirou o paletó e o entregou a mim com cuidado.

Por um instante, pareceu prestes a dizer mais alguma coisa. Em vez disso, recuou, deixando entre nós exatamente o espaço de que eu precisava para voltar a me sentir uma mulher sensata.

— Até amanhã, Gabriela.

— Até amanhã, Dorian.

Quando ele saiu, fechei a porta do camarim, embora ela tivesse permanecido aberta durante todo o dia.

Uma nova notificação me esperava na tela do celular. O perfil oficial do teatro havia publicado uma fotografia de Dorian abraçando Lena diante do cartaz do espetáculo. A legenda dizia:

O casal mais quente deste verão. Será que a paixão dos palcos está se transformando em amor na vida real?

Observei os sorrisos dos dois e depois olhei para o paletó azul-marinho sobre a mesa.

Eu tinha trinta e dois anos, meus próprios planos e experiência suficiente para saber que as histórias expostas ao público raramente revelavam toda a verdade.

Ainda assim, continuava ouvindo a voz dele pronunciando meu nome.

Por que, então, enquanto estava sozinha naquele camarim com vista para o mar, eu começava a desejar que, no dia seguinte, a porta se fechasse novamente atrás de nós dois?

Capítulo 1 - Os Limites da Luz

Na manhã seguinte, descobri que a parte mais difícil de trabalhar em um teatro não eram os atores temperamentais, as entregas atrasadas nem os figurinos que precisavam ser ajustados cinco minutos antes de um ensaio. O mais difícil era manter a indiferença profissional diante de um homem cuja voz eu lembrava com mais nitidez do que dos meus próprios sonhos.

Dorian Kłos apareceu no palco pontualmente às nove horas. Eu estava perto da primeira fileira de poltronas, com um caderno de anotações e um conjunto de amostras de tecidos, quando ele surgiu vindo dos bastidores. Conversava com o diretor, Piotr Malec, e parecia completamente envolvido na discussão. Só depois de alguns instantes percebeu minha presença na penumbra da plateia.

Não sorriu imediatamente.

Primeiro, deteve os olhos no meu rosto, como se quisesse ter certeza de que eu realmente estava ali. Depois, fez um discreto movimento de cabeça, quase imperceptível. Retribuí o cumprimento, embora tivesse sido mais sensato me concentrar nos ajustes do paletó.

— Gabriela, preciso de você no palco — chamou Piotr.

Subi pela escada lateral. O cenário representava a sala de estar de uma casa antiga à beira-mar. Venezianas de madeira, um tapete desbotado, duas poltronas e uma janela enorme, atrás da qual, durante o espetáculo, a iluminação se deslocaria para imitar o pôr do sol. Tudo parecia íntimo, quase particular. A intenção era fazer o público sentir que estava espiando a vida de pessoas que desconheciam sua presença.

A ironia daquela proposta não me escapou quando vi Magda ao lado do palco, segurando uma câmera fotográfica.

— Queremos tirar algumas fotos do ensaio — anunciou. — Fotos naturais. Dorian e Lena juntos, um pouco de proximidade, algumas trocas de olhares.

— Naturais ou posadas? — perguntei.

Magda me lançou um olhar condescendente.

— É divulgação, Gabrysia. Tudo é um pouco encenado.

Dorian virou a cabeça.

— Podemos ensaiar primeiro? — sugeriu, tranquilamente.

— As fotos vão levar cinco minutos.

— Ontem também levariam.

Não havia irritação em sua voz. Talvez por isso suas palavras tenham soado tão firmes.

Piotr ergueu a mão.

— Primeiro os figurinos. Depois, a divulgação. Não pretendo montar um espetáculo que ninguém tenha tempo de preparar.

Senti gratidão, embora soubesse que o diretor estava defendendo, acima de tudo, o próprio cronograma.

Dorian se aproximou de mim.

— O paletó?

— Está pronto. Dois centímetros de folga, conforme solicitado.

— Parece exatamente o tipo de coisa de que ando precisando.

Observei-o com mais atenção.

— De folga nos ombros?

— Entre outras coisas.

Não respondi. Levei-o até o camarim, onde as outras peças do figurino estavam esperando. Enquanto ele vestia o paletó, virei-me para o espelho, fingindo conferir a lista de ajustes. Dorian percebeu meu comportamento, mas não fez nenhum comentário.

— Está melhor — disse, movimentando os ombros.

— Sente-se, por favor.

Ele se acomodou na cadeira.

— E agora?

— Agora tente se levantar sem precisar ajeitar a roupa.

Ele obedeceu. O paletó continuou assentando perfeitamente.

— Excelente — constatei.

— É a primeira vez que ouço essa palavra da senhora.

— Não se acostume.

Por alguns instantes, nos observamos pelo espelho. Notei pequenos fios grisalhos perto de suas têmporas. Eles não apareciam nos cartazes. Tampouco aparecia o cansaço que se formava ao redor de seus olhos quando ele deixava de sorrir.

— Posso lhe fazer uma pergunta? — disse.

— Depende da pergunta.

— Por que, afinal, aceitou este trabalho?

Fiquei surpresa. A maioria dos atores perguntava sobre os figurinos, os prazos ou a possibilidade de pequenas alterações. Poucos demonstravam interesse pelos motivos que haviam levado uma figurinista a trabalhar em determinado teatro.

— Porque gosto de boa literatura, projetos difíceis e pagamentos feitos em dia.

— Nessa ordem?

— Depende do mês.

Ele sorriu.

— Mas falando sério?

Hesitei.

— Quero abrir meu próprio ateliê. Este espetáculo é uma parte importante do meu plano.

— Então Sopot é apenas uma parada no caminho.

— Para o senhor também, não é?

Ele não respondeu imediatamente.

— Eu gostaria que fosse algo mais.

Por um momento, tive a impressão de que aquela resposta não dizia respeito apenas ao teatro. Mas alguém o chamou de volta ao palco, e ele se virou para a porta.

— Até mais, Gabriela.

Quando saiu, fiquei sozinha com a estranha sensação de que nossa conversa havia terminado algumas frases antes da hora.

Às onze horas, começou o ensaio da cena em que o personagem de Dorian retornava à casa da família depois de muitos anos. Lena, que interpretava seu antigo amor, deveria recebê-lo como se recebe alguém cujo retorno se desejou durante uma década inteira, embora nunca se tivesse coragem de admitir.

Da plateia, observei a transformação de Dorian assim que as primeiras falas foram pronunciadas.

O sorriso desapareceu, assim como a postura descontraída. Em seu lugar, surgiu um homem parado à entrada de uma casa na qual tinha medo de entrar. Ele não fazia nada espetacular. Não elevava a voz. Bastava que, durante alguns segundos, não conseguisse olhar Lena nos olhos.

— Você voltou — disse ela.

— Eu não sabia se ainda podia.

Senti algo que não esperava diante de uma troca de palavras tão simples.

Não era apenas uma boa atuação. Dorian possuía uma capacidade extraordinária de abrir espaço para a outra pessoa. Não dominava a cena, embora pudesse fazê-lo facilmente. Escutava sua parceira com tanta atenção que cada palavra dela parecia realmente transformar alguma coisa dentro dele.

Quando Piotr interrompeu o ensaio, Magda correu imediatamente até os atores.

— Maravilhoso! É exatamente esse tipo de emoção que queremos. Preciso aproveitar isso na campanha.

Dorian passou a mão pelo rosto.

— Foi um ensaio.

— Melhor ainda. Emoções verdadeiras vendem mais.

Lena riu e ajeitou os cabelos.

— Magda, deixe a gente pelo menos beber um pouco de água.

— Claro. Mas depois preciso de vocês dois juntos no terraço.

Dorian olhou na minha direção. Não sabia se procurava alguma forma de escapar ou se simplesmente havia encontrado meu olhar por acaso. De qualquer maneira, fui a primeira a desviar os olhos.

Não pretendia me tornar parte de um jogo cujas regras desconhecia.

À tarde, Magda me encontrou no ateliê. Trazia um tablet com o projeto dos materiais promocionais.

— Preciso da sua autorização para usar os figurinos em uma sessão de fotos adicional.

Examinei o cronograma. Além das fotografias do espetáculo, haviam programado uma sessão romântica de Dorian e Lena na praia, entrevistas sobre a química entre os dois e uma série de vídeos curtos sugerindo que existia algo além de uma relação profissional.

— Isso não é material sobre o espetáculo — falei.

— Claro que é.

— Não. É uma campanha baseada na vida particular deles.

Magda deu de ombros.

— O público adora histórias assim.

— O público também adora uma boa peça. Pelo menos foi o que ouvi dizer.

— Gabriela, não começa.

Deslizei o tablet pela mesa.

— Não autorizo o uso dos figurinos de cena em uma sessão que não tem nada a ver com a peça. Você pode encomendar roupas específicas para essas fotos.

— Isso representa um custo adicional.

— Então inclua no orçamento.

Magda ficou me encarando durante alguns segundos.

— Você sabe que Dorian não vê problema nisso?

— É uma decisão dele.

— Exatamente. Você deveria respeitar as decisões dos outros.

— Eu respeito. Por isso espero o mesmo.

Quando ela saiu, permaneci imóvel por alguns instantes. Não gostava de conflitos, mas gostava ainda menos de situações em que alguém tentava transformar os limites de outra pessoa em uma ofensa pessoal.

Não percebi quando Dorian apareceu à porta.

— Ouvi o final da conversa — disse.

Levantei a cabeça.

— Então já sabe que sou uma colega de trabalho particularmente difícil.

— Sei que a senhora não gosta quando alguém toma decisões em seu lugar.

— É uma característica bastante comum entre pessoas adultas.

Ele entrou, mas permaneceu perto da porta.

— Magda diz que a senhora está tendo problemas por minha causa.

— Magda tem um problema com o orçamento. Eu tenho um problema com pessoas que usam meu trabalho sem pedir autorização.

— Entendo.

— De verdade?

— Sim.

Ele respondeu de maneira tão simples que, por um instante, fiquei sem argumentos.

— Então não temos mais nada para conversar.

— Foi justamente por isso que eu quis conversar.

Deixei o giz de alfaiate sobre a mesa.

— Estou ouvindo.

Dorian se apoiou no batente da porta.

— Não pretendo convencê-la a mudar de decisão. Só quero que saiba que a campanha faz parte de um compromisso maior. Nem todos os materiais dependem de mim.

— Parece uma maneira muito elegante de dizer que outra pessoa estabelece as regras.

— Às vezes, é exatamente assim que meu trabalho funciona.

— E às vezes as pessoas concordam com regras das quais acabam se arrependendo.

Ele não negou.

O silêncio se instalou entre nós. Do corredor vinham o som de saltos batendo no chão e as notas distantes de um piano. Dorian observava os desenhos espalhados diante de mim, como se procurasse neles alguma coisa mais simples do que nossa conversa.

— Não quero que a senhora tenha problemas por minha causa — disse.

— O senhor não tem esse poder sobre a minha vida.

Uma sombra de sorriso apareceu em seu rosto.

— Que bom.

— Por quê?

— Porque tenho a impressão de que poucas pessoas me dizem algo parecido ultimamente.

Senti um pouco de pena dele. Não o suficiente para mudar de opinião, mas o bastante para enxergar o homem escondido por trás daquele sobrenome.

— Dorian, se quiser saber o que penso, basta perguntar. Não precisa mandar Magda.

— Não fui eu quem a mandou.

— Melhor ainda.

Ele assentiu.

— E se eu quisesse perguntar algo que não tem a ver com figurinos?

Fiquei imóvel.

— Depende de a resposta poder ficar apenas entre nós.

Ele me observou atentamente.

— Era exatamente isso que eu queria perguntar.

Não tive tempo de responder. Do corredor veio a voz de Piotr, pedindo que Dorian voltasse ao palco.

O ator se afastou da porta.

— Ainda vamos voltar a esse assunto.

— Não prometi nada.

— Eu sei.

Ele saiu, deixando para trás o cheiro do ar marinho e a inquietante sensação de que havíamos acabado de iniciar uma conversa que jamais deveria ultrapassar os assuntos profissionais.

Naquela noite, fiquei no teatro até mais tarde. Precisava preparar os ajustes do vestido de Lena e verificar se todas as peças do guarda-roupa estavam devidamente identificadas. Quando terminei, o prédio estava quase vazio. Uma única luz técnica permanecia acesa no palco, e o murmúrio do mar chegava pelas portas entreabertas do terraço.

Saí com uma xícara de chá.

Dorian estava sentado nos degraus que levavam ao jardim.

— Estou começando a suspeitar que a senhora mora aqui — comentou.

— Só até a estreia.

— E depois?

— Depois volto para a minha própria vida.

— Parece um plano.

— É um plano.

Ele me olhou de baixo para cima.

— Gosta de saber o que vai acontecer em seguida?

— Gosto de ter alguma influência sobre o que vai acontecer em seguida.

— Nem sempre é a mesma coisa.

Sentei-me na outra ponta do degrau, mantendo uma distância segura entre nós.

— Acho que o senhor gosta de complicar as coisas simples.

— E a senhora gosta de fingir que as coisas complicadas são simples.

Virei-me para ele.

— Nós nos conhecemos ontem.

— Tempo suficiente para perceber algumas coisas.

— Por exemplo?

Ele me examinou com atenção.

— Que, quando fica nervosa, começa a ajeitar coisas que não precisam de conserto. Que sempre verifica primeiro se as outras pessoas estão confortáveis. E que não gosta quando alguém percebe isso.

Não esperava aquela resposta.

— O senhor, por outro lado, observa as pessoas com atenção demais.

— Faz parte da profissão.

— Então, por favor, não me transforme em mais um papel.

O sorriso desapareceu de seu rosto.

— Não pretendo fazer isso.

Ficamos em silêncio por um longo tempo, ouvindo o barulho das ondas. Eu tinha trinta e dois anos e experiência suficiente para saber que sentir atração por alguém ainda não era motivo para mudar meus planos.

Dorian foi o primeiro a se levantar.

— Boa noite, Gabriela.

— Boa noite.

Ele parou por um instante.

— E mais uma coisa. Não quero que nossas conversas se tornem parte da divulgação.

Olhei para ele.

— Então concordamos em pelo menos uma coisa.

Ele se afastou em direção ao teatro.

Continuei sentada por mais alguns minutos, contemplando o mar que escurecia. Pela primeira vez desde minha chegada a Sopot, não pensava apenas em prazos, despesas e no futuro ateliê.

Pensava em um homem que sabia escutar.

E em como era perigosamente fácil desejar que ele escutasse justamente a mim.

Capítulo 2 - Um Acordo Sem Testemunhas

Na manhã seguinte, encontrei sobre minha mesa um bilhete escrito com uma caligrafia característica, ligeiramente inclinada.

O paletó está perfeito. Obrigado. D.

Não havia nada de extraordinário naquilo. Atores às vezes deixavam agradecimentos, especialmente quando os figurinos finalmente paravam de incomodar nos momentos mais inconvenientes. Mesmo assim, li a mensagem duas vezes antes de escondê-la sob meu caderno.

Não porque pretendesse guardá-la.

Simplesmente não queria que Magda a visse durante sua ronda matinal.

Às nove e meia, Piotr convocou uma reunião da equipe. Sentei-me à mesa comprida da sala de ensaios, ao lado de Lena e do diretor técnico. Dorian ocupou uma cadeira à minha frente. Durante quase toda a reunião, manteve a atenção no roteiro, marcando trechos com um lápis.

— Temos um problema com a segunda parte do espetáculo — anunciou Piotr. — A transição entre as cenas está demorando demais, e a troca de figurino do Dorian leva mais tempo do que previámos.

— Posso simplificar a estrutura do casaco — sugeri.

— Não quero que ele fique com uma aparência pior.

— Não vai ficar pior. Será confeccionado de outra maneira.

Dorian levantou os olhos.

— E se tentássemos mudar a forma da minha entrada? Em vez de sair do palco, eu poderia permanecer na penumbra.

Piotr franziu a testa.

— Uma troca de roupa diante do público?

— Não exatamente. Atrás de uma divisória móvel.

Comecei a analisar a disposição do cenário. A ideia fazia sentido, mas exigia um planejamento cuidadoso. Os espectadores não podiam simplesmente assistir a um ator trocando de roupa. A transição precisava se tornar parte da narrativa.

— Posso preparar um figurino em camadas — propus. — Um casaco por fora, com colete e camisa por baixo. A mudança seria apenas a retirada de uma camada. Não precisaríamos de intervalo.

Piotr olhou para nós dois.

— Tentem resolver isso juntos. Vocês têm dois dias.

Magda ergueu a mão imediatamente.

— Ótimo! Podemos gravar um vídeo dos bastidores. Dorian e Gabriela trabalhando no figurino, um pouco de conversa, um clima natural.

Senti a conhecida onda de irritação.

— Não autorizo que meu trabalho seja filmado sem uma combinação prévia — declarei.

— Gabriela, mas é para divulgar o espetáculo.

— Justamente por isso deveria ser planejado.

Dorian largou o lápis.

— Primeiro vamos resolver o problema da cena. Depois decidimos o que pode ser mostrado.